A TRAJETÓRIA DO FÓRUM PERMANENTE DAS MULHERES DE MANAUS SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS SUBALTERNOS E PÓS-COLONIAIS.

Luiza de Marilac Miléo Moreira.

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Amazonas.
profluizademarilacmileomoreira@gmail.com

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Amazonas.
marciacalderipe@yahoo.com.br,

Resumo: O Fórum Permanente das Mulheres de Manaus - FPMM foi criado em 2006, no primeiro momento, para a eleição do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher – CMDM, sendo realizado o mapeamento e a agregação de grupos, coletivos e organizações de base, contado com o apoio do Instituto Equit, do Núcleo de Estudo de Gênero/UFAM e da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Atualmente são trinta e cinco organizações agregadas e suas lutas se consolidam pelos direitos e pela implementação de políticas públicas para as todas; Formação sobre gênero, direitos sexuais e reprodutivos. Nos termos de Spivak, a expressão "feminismos subalternos" alude ao interior do próprio feminismo. Sendo uma dupla construção: ao mesmo tempo em que denunciam o silenciamento de várias expressões do feminismo, confrontam um antagonismo diante de um feminismo elitista, de primeiro mundo, classista, hegemônico, ocidental, branco, universalista, eurocêntrico. Antagonismo acentuado a partir de classe, etnia, nacionalidade, os quais estão sob a ótica interseccional ao lado das questões de gênero, abrindo outras discussões em termos de identidade, raça, classe, diferença e (des) igualdade para o movimento e a teorização feminista. Foi na década de 1980 que o feminismo encontrou o pós-colonialismo no Brasil, sobretudo, através da crítica literária e análise dos discursos coloniais e pós-coloniais contribuindo para a intersecção, não de maneira tranquila, mas, conflituosa. Desde então, o movimento feminista ou movimentos feministas tem sua relação para fora, como há também o movimento interno entre essas relações. Queremos, portanto, tratar desse movimento interno entre as mulheres, especialmente na Amazônia brasileira.

Palavras-chaves: Feminismos, Antropologia e Feminismos, Estudos Subalternos, Participação Política.

Trataremos aqui de um projeto de pesquisa, o qual tem o objetivo geral, interpretar, sob a perspectiva dos estudos subalternos e pós-coloniais, o processo no qual se deu a construção histórica da identidade coletiva do Fórum Permanente das Mulheres de Manaus, Amazonas (FPMM). Nessa perspectiva queremos também Identificar a trajetória do FPMM no processo macro histórico do feminismo no Brasil e América Latina, além

de descrever como os coletivos que compõem o FPMM perceberam e contribuíram em algumas frentes de luta pelos direitos das mulheres. Também, analisar a percepção identitária das mulheres pesquisadas e seus coletivos com as intersecções de gênero, raça/etnia, diferentes feminismos, dentre eles, como o ecofeminismo. Esse projeto se justifica pela importância de estudar os movimentos feministas, suas peculiaridades, identidades e contribuições para o feminismo contemporâneo. O Fórum Permanente das Mulheres de Manaus é um coletivo articulador de vários movimentos e organizações de mulheres. É uma organização que vem se destacando na sociedade manauara, sendo hoje uma referência nas lutas constantes por exemplo, no combate à violência doméstica contra mulheres.

Como política pública nesse atendimento, foi implementada a delegacia Especializada de combate à violência contra as mulheres que possui apenas uma unidade e um anexo na zona leste de Manaus com a Ronda Maria da Penha. Essa situação pode ser considerada grave quando o Estado do Amazonas ocupa o nono (9º) lugar no Brasil em assassinato de mulheres.

O constantemente assassinato de mulheres, pelo motivo de serem mulheres (Feminicídio) vem crescendo. Segundo as Organizações das Nações Unidas ONU/2017, no Brasil, mulheres são assassinadas em torno de 4.500 por ano, e 40% desses assassinatos acontecem na região do Amazonas. Esse dados alertam para várias situações: a grande incidência, a ineficiência do Estado através de políticas de prevenção e de prisão aos culpados, além da necessidade de organização social de mulheres. Vemos então que estudo de gênero também se coloca na mesma proporção de lutas por direitos sociais e humanos, e por isso, é um tema de grande relevância como são os outros movimentos históricos de outras temáticas. Esse estudo pretende trazer suas contribuições também na ordem teórica dos feminismos especialmente como está se dando no Brasil e América Latina, interligando com os estudos antropológicos e feminismos.

As transformações sociais que vem ocorrendo nos últimos anos provocam mudanças profundas também nos movimentos sociais, e em particular no movimento feminista. O feminismo é um movimento diverso e em constante construção, constante transformação. Mas, a certeza é uma só, a de criar um outro mundo, qual ainda não se tem certeza do qual exatamente será, mas, o que se quer é um mundo diferente do que esse que existe. Qual o caminho? Esse é uma construção que inclui sobretudo a participação das mulheres em coletivos ou grupos urbanos ou campesinos na criatividade, no debate e

reflexão teórica, bem como e sobretudo, nas lutas diárias contra o patriarcado, machismo e pelo direitos delas e sua participação nas decisões políticas. Pinto (2010) nos atualiza sempre com sua pergunta

> Uma das questões mais centrais quando o tema é a presença da mulher na arena pública de decisão, em geral, ou na política, em particular, é a seguinte: que mulheres queremos nos cenários políticos? Todas as mulheres, independente de classe, posição política, comprometimento com as questões de reconhecimento das minorias sem poder? Ou estamos lutando para elegermos nos parlamentos e nas posições-chave de poder, mulheres feministas que defendam as grandes causas do movimento? (PINTO, 2010, p.18)

A autora mesma nos ajuda a compreender que somente as mulheres que se reconhecem como sujeitos políticos são as que lutam pelas causas das mulheres. Muitas militantes feministas tem contribuído com essa trajetória.

Para o contexto de nossa pesquisa, os desafios estão na releitura da trajetória e os novos caminhos do movimento feminista em nível local, como a trajetória do Fórum Permanente das Mulheres de Manaus, Am (FPMM), bem como a trajetória do Movimento Feminista no Brasil, e aqui queremos dar ênfase à Articulação de Mulheres Brasileiras, AMB, ao qual o FPMM está ligado, e à Articulação Feminista Marcosul (AFM) em nível de America Latina, ao qual, por sua vez, a AMB está ligada. Sabe-se que no próprio debate feminista existem igualmente as duas correntes maiores como “guarda chuva” filosóficas, antropológicas clássicas, das chamadas feministas radicais europeias e estadunidenses e outras duas que se situam numa trajetória autônoma e uma característica transdisciplinar quais são as críticas feministas subalternas e pós-colonial quais compartilham de preocupações constitutivas dos movimentos históricos que as estruturam. Loomba (citada por Ballestrin, 2017) pontua veemente que tanto os movimentos feministas quanto os anticoloniais precisam questionar as ideias dominantes de história e representação, uma vez que a cultura é vista como um campo de conflito entre opressores e oprimidos, no qual a linguagem pode ser ferramenta de dominação. Para ambas, a problematização do sujeito ocidental homem branco nos discursos imperialistas europeus é um ponto de partida fundamental.

Ainda, as intelectuais e ativistas feministas e anticoloniais possuem a perspectiva da transformação social. Essas epistemologias abalaram muitos pilares das ciências humanas e do seu próprio pensamento crítico. Os campos do conhecimento e da literatura são ferramentas,

são terrenos férteis para as análises feministas e pós coloniais preocupadas com a invisibilidade, o silenciamento e a subalternidade dos sujeitos produzidos pelo patriarcado e pelo colonialismo. Não por acaso, é a mulher colonizada e sujeito subalterno por excelência que marcou o paradigmático encontro entre feminismo e pós-colonialismo, no provocativo e crítico ensaio de Spivak (1988). Pretende-se, portanto situar a releitura pela ótica do feminismo subalterno e pós-colonial situando o movimento feminista em Manaus seja expressão do protagonismo social das mulheres subalternas a partir de sua trajetória.

O Fórum Permanente das Mulheres de Manaus - FPMM foi criado em 2006, no primeiro momento, para a eleição do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher - CMDM. A partir disso, foi realizado o mapeamento dos grupos, coletivos e movimentos em Manaus, sendo catalogados e agregados inicialmente vinte e cinco organizações de base. Nesse processo de criação houve o apoio da Articulação das Mulheres do Amazonas (AMA), Instituto Equit, Universidade do Amazonas -UFAM, Articulação de Mulheres Brasileiras -AMB e Pastorais Sociais da Arquidiocese de Manaus. Atualmente, o Fórum das Mulheres conta com trinta e cinco organizações de mulheres articuladas. Em cinco encontros dentro de um projeto da Cfemea (Centro Feminista de Estudo e Assessoria) para fazer memória de sua caminhada, foi possível observar além dessa motivação inicial acima colocada, foi visto que as primeiras mulheres articuladoras estavam com outras demandas e outras lutas dentro do sindicato dentro do Distrito Industrial de Manaus, participaram das greves e das eleições concorrendo nas chapas de direção do sindicato. Vemos em um dos relatórios dos grupos de trabalho:

> 2001 – Construção da identidade feminina; Houve um encontro sobre a militância feminista;
> 2002 – Grande Encontro das Mulheres da Amazônia no município de Itacoatiara – fundação do MUSAS (Movimento de Mulheres Solidárias do Amazonas) com a participação da prof.ª Ivania Vieira;
> 2003 – fundação da GAM (Guerreiras do Amazonas);
> 2005 – Houve um Curso de Políticas Públicas;
> 2006 – Fundação do Fórum Permanente das Mulheres de Manaus e encontro municipais da Pastoral da Criança da Igreja católica onde muitas mulheres estavam envolvidas, bem como um encontro regional das CEB´s em Manaus (Comunidades Eclesiais de Base)

Portanto, para o FPMM nascesse houve uma preparação ainda que de forma não planejada, mas, de forma sincronizada para que essa articulação acontecesse. Costa (2004) nos diz que os feminismos ainda que tão diferentes em sua trajetória, mostram sua vitalidade e enorme força de propagação de

ideias libertárias e igualitárias e lutas por direito social. No período da fundação do FPMM, foi o ano também da Criação da Lei Maria da Penha lei - Federal para coibir a violência doméstica contra a mulher.

A perspectiva etnográfica possibilitará identificar como as particularidades dos códigos e sentidos específicos do ativismo do Fórum Permanente das Mulheres de Manaus dialogam com o feminismo popular e feminismo subalterno; os repertórios simbólicos antagônicos contidos no contexto político, bem como compreender as novas práticas femininas no contexto político e popular.

Segundo o IBGE (2017), Manaus possui 2.094.391 habitantes, sendo 922.632 mulheres e 879.893 homens. A organização das mulheres no Amazonas parte de vários pontos, mas registrados enquanto pesquisa estão as mulheres nos sindicatos dos trabalhadores no Distrito insdustrial de Manaus, as donas de casa, as mulheres negras lavadeiras e as mulheres organizadoras da festa do Quilombo do Barranco.

Há também as Organizações não-governamentais - ONGS que trabalham com mulheres, especialmente em tratamento de câncer, haja visto o Estado do Amazonas ter o maior número de mortes de mulheres por essa doença. As políticas federais que se apresentam no Estado, ainda que de modo bem tímidas, dizem respeito à Assistência Social, como o Programa Bolsa Família, no qual o beneficio é contratado e registrado no nome das mulheres. Outra política implementada foi o atendimento na delegacia Especializada de combate à violência contra as mulheres que possui apenas uma unidade e um anexo na zona leste de Manaus com a Ronda Maria da Penha. Essa situação pode ser considerada grave quando o Estado do Amazonas ocupa o nono (9º) lugar no Brasil em assassinato de mulheres.

Em entrevista ao Jornal do Comercio no dia 15 de janeiro de 2018, Francisco M. Jr, presidente do Conselho Regional de Economia do Amazonas,

> Manaus é a sétima cidade mais populosa do país e figura entre as capitais brasileiras com o maior custo de vida. Itens como alimentação e bebida, moradia e transporte costumam abocanhar boa parte da renda do manauara [..] distante de grandes centros urbanos, Manaus desembolsa um frete alto para receber produtos que não são fabricados na região

Olhando para o alto custo de vida junto a outras situações encontradas nos resultados da pesquisa de Costa (2011) quais apontam para o crescimento do número de famílias monoparentais sustentadas por mulheres nesses últimos 10 anos de 30,10% e igualmente o aumento do número de mulheres desempregadas, encontramos muita firmeza para seguirem sustentando suas vidas.

Enquanto isso, em termos de acesso a cargos eletivos no legislativo, nas últimas eleições foram eleitas somente três vereadoras, três deputadas estaduais, nenhuma deputada federal e nenhuma senadora.

Nesse contexto se apresenta o Fórum Permanente das Mulheres de Manaus (FPMM) com o qual eu tive contato no ano de 2010 quando estive no cargo de Assistente Social da Caritas Arquidiocesana de Manaus e precisava acompanhar vários grupos populares de organização política e cidadania. Desde quando nos conhecemos não nos deixamos mais, identifiquei mulheres muito firmes, lutadoras e conhecedoras dos seus direitos no cotidiano e nas lutas maiores enquanto políticas para as mulheres.

O Fórum Permanente das Mulheres de Manaus - FPMM foi criado em 2006, no primeiro momento para a eleição do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher - CMDM. A partir disso, foi realizado o mapeamento dos grupos, coletivos e movimentos em Manaus, sendo catalogados e agregados inicialmente vinte e cinco organizações de base. Nesse processo de criação houve o apoio da Articulação das Mulheres do Amazonas (AMA), Instituto Equit, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Articulação de Mulheres Brasileiras -AMB e Pastorais Sociais da Arquidiocese de Manaus. Atualmente, o Fórum das Mulheres conta com trinta e cinco organizações de mulheres articuladas.

Para a minha pesquisa, irei primeiramente mapear os 20 grupos e coletivos principais que fazem parte do FPMM, mas vou eleger três grupos para fazer a etnografia. Não se trata aqui de recorte quantitativo de amostra e sim de um recorte qualitativo, pois os critérios da busca são: 1. Os coletivos fundados por mulheres de periferia (uma vez que existem, por exemplo, representantes de secretarias de mulheres de partidos políticos, ONGs, associações, grupos de pesquisa, coletivos, grupos de lutas específicas e movimentos); 2. Engajamento na luta contra a violência e pela saúde das mulheres 3. Engajamento pelos direitos econômicos, 4. Ativismo em relação à negritude, ecologia política das águas e regionalismo 5. Antiguidade de participação no FPMM.

No segundo momento, pretendo acompanhar duas integrantes no seu cotidiano por períodos específicos a serem definidos e entrevistá-las através de perguntas semi-estruturadas e registro em caderno de campo.

No terceiro momento darei atenção e acompanhamento às reuniões do FPMM, suas agendas e eventos marcantes, tais como o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher e o 25 de novembro, Dia de Combate à violência contra

as mulheres através da observação, participação e registro em caderno e diário de campo. Também acompanharei atos unificados com outros organizações e movimentos na cidade de Manaus nos quais o FPMM tem participado desde o ano de 2016.

No quarto momento, darei atenção à interpretação dos dados etnográficos para a escrita dos capítulos da tese. Como nos indica Geertz (1989, p.25) sobre a interpretação do texto etnográfico, "os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão" para falar que as interpretações são "ficções", construção, experimento, modelamento do pensamento.

Desde a década de 1980 buscam-se as várias formas de participação política e cidadã no país. O Brasil vem galgando nessa tentativa de participação política das classes populares e das categorias de trabalho por meio de organizações, partidos políticos e movimentos diversos. Isso se percebe muito mais em nível nacional e em outros Estados, como é o caso do Rio Grande do Sul (Bonnetti, 2002) do que no Amazonas. Essa foi uma época onde muitos conselhos de direitos foram fundados com o intuito de participação e fiscalização das políticas públicas. Para fundar um conselho de direito era e ainda é necessário um fórum que legitime seus assentos. E foi assim que surgiu o Fórum Permanente das Mulheres de Manaus, o qual teve o objetivo inicial de fundar também o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM). Conselho este também fruto das lutas das mulheres.

O estudo dos feminismos no Brasil nos mostram o quanto é importante conhecer para também nos organizar pelo país. Os estudos históricos nos trazem muitas contribuições. Aqui queremos destacar a grande contribuição dos estudos "feministas subalternos" como aporte teórico.

A expressão "feminismos subalternos" alude à subalternidade no interior do próprio feminismo, nos termos de Spivak (2010). Aqui há uma dupla construção: ao mesmo tempo em que denunciam o silenciamento de várias expressões do feminismo, os diversos feminismos subalternos agenciam um antagonismo irreconciliável diante de um feminismo "elitista" acadêmico, tal qual os estudos antropológicos clássicos e hegemônicos: ocidental, branco, universalista, eurocêntrico e de primeiro mundo, como bem já enfatizou Said (2007). Essa construção evidencia certo "essencialismo estratégico" novamente como propõe Spivak (2010) no interior do feminismo e, portanto, nas relações intragênero. É importante notar que esse antagonismo é acentuado a partir da interiorização de marcadores como classe,

etnia e nacionalidade, que estão sob a ótica interseccional ao lado das questões de gênero. Ao assumimos essas premissas, uma série de questões se abre em termos de identidade, diferença e (des) igualdade para o movimento e a teorização feminista em ambito global.

Anterior aos estudos pós-colonialistas e anticolonial de FANON (2008) e a análise do discurso colonial inaugurada por Said (1978) em Orientalismo realizam reflexões embrionárias sobre a mulher na condição colonial. Assim, a reflexão sobre a mulher no pós-colonialismo foi introduzida desde uma perspectiva não feminista, mas, enquanto voz subalterna. O próprio Orientalismo, além de uma província exclusivamente masculina; como tantas associações profissionais durante o período moderno, ele via a si e a seu tema com vendas sexistas sobre os olhos. Isso é evidente nos escritos de viajantes e romancistas, "as mulheres são em geral criaturas de uma fantasia de poder masculina e que manifestam uma sexualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, insaciáveis" (SAID, 2007, p. 282).

Quando o corpo e o sexo se unem nas representações colonialistas, orientalistas e etnocêntricas de uma forma geral, o gênero feminino pode ser fantasiado como uma cultura europeia (LOOMBA, citada por Ballestrin, 2017). O imaginário erótico e sensual do colonialismo envolvendo sedução e desejo na dimensão sexual da empreitada colonial pela posse e pela conquista, criou as representações da ameríndia despudorada, da oriental exótica, da africana fogosa.

Contudo, nem todas as mulheres não europeias foram retratadas como desejáveis e passivas em algum lugar do mundo no imaginário desbravador colonial: as "Amazonas" são o exemplo de brutalidade, feminilidade desviante e sexualidade insaciável (LOOMBA, citada por Ballestrin, 2017). Ainda, a relação entre nacionalismo e gênero foi bastante discutida por pesquisadoras feministas, a mulher como símbolo da nação, da descolonização (BAHRI, 2013, p. 661). O "machismo", sabe-se coexistiu com muitos movimentos nacionalistas (LOOMBA, citada por Ballestrin, 2017).

Foi precisamente na década de 1980 que o feminismo encontrou o pós-colonialismo, sobretudo, através da crítica literária pela interpretação de textos e análises dos discursos coloniais e pós-coloniais (BAHRI, 2013). Sob uma perspectiva de gênero, o estímulo à criação de objetos e ângulos de análise inovadores foi abrindo os caminhos para uma sintetização de ambos os movimentos teóricos: o feminismo pós-colonial. Apesar da inserção do feminismo – tanto no pós-colonialismo como nos estudos

culturais – ter adquirido um caráter de complementariedade e interseccionalidade (ALMEIDA (2013) afirma que esta não se deu de maneira tranquila, já que o feminismo teria a capacidade de desestabilizar edifícios teóricos bem construídos.

No artigo "Feminismo e/no Pós-colonialismo" , Bahri (2013) afirma que as contribuições feministas presentes desde o início do pós-colonialismo canônico ajudaram-no a revisar, questionar e complementar suas próprias preocupações. Para ela, as questões de gênero são inseparáveis da crítica pós-colonial. Entretanto, existem também discórdias quando, por exemplo, o pós-colonialismo prescinde da análise de gênero ou o feminismo ignora questões relacionadas ao colonialismo e à divisão internacional do trabalho na teoria materialista histórica dialética (Jules Falquet).

No importante livro *The Empire Writes Back*, originalmente publicado em 1989, seus autores demonstram a importância da literatura e da crítica literária para o nascimento do pós-colonialismo e seu desenvolvimento paralelo com novas inclinações da teoria feminista. Bill ASHCROFT, Gareth GRIFFITHS e Hellen TIFFIN (2002, p. 173,) argumentam que a interseccionalidade entre gênero, raça e classe tornou-se fundamental para a mesma devido às críticas recebidas de algumas escritoras e do redimensionamento para as questões da "diferença" e do "outro".

Em outras palavras, a década de 1980 foi muito propícia para o encontro do feminismo com o pós-colonialismo e o pós-colonialismo com o feminismo. E assim, paradoxalmente, o feminismo pós-colonial – como o próprio póscolonialismo – não nasceu dos contextos pelos quais pretendeu intervir (o Terceiro Mundo, hoje o Mercosul); surgiu da diáspora biográfica e acadêmica onde pôde se autojustificar.

Enquanto isso, o feminismo brasileiro à época, atravessava o contexto da redemocratização que inaugurou sua terceira fase no país e construía o espaço para a luta de vários direitos civis e sociais das mulheres: combate à violência e ao racismo, direitos à saúde, trabalho, terra e sexualidade (PINTO, 2010). Estas observações são importantes, pois o feminismo pós-colonial não nasceu de um diálogo entre mulheres acadêmicas do Primeiro e do Terceiro Mundo. Nesse sentido, a construção de um profundo antagonismo no interior do movimento feminista foi ocorrendo paralelamente à sua própria internacionalização, no decorrer dos anos 1970, expressando-se com mais evidência na década de 1980. Com efeito, o processo de transnacionalização do feminismo observado nas três últimas décadas e seu estímulo por

vários fóruns internacionais oficiais e informais projetou desafios em relação à articulação de uma desejada.

Nesta denúncia, (MOHANTY, 2008) esclarece as simplificações, generalizações e não diferenciações em termos de identidade, representação e interesse também acabaram por surgir. Ela diz que se estabeleceu uma bipolaridade no interior do feminismo, com dois polos antagônicos em torno de uma diferença aparentemente "geopolítica" entre o feminismo terceiro-mundista e o feminismo ocidental que passou a ser julgado por essencializar, inferiorizar e vitimizar as mulheres do "Terceiro Mundo", o feminismo terceiro-mundista respondeu utilizando a mesma operação ao essencializar, superiorizar e responsabilizar as mulheres feministas do Primeiro Mundo.

Qual a estratégia para a marcação de um essencialismo binário, no entanto, dentro do próprio movimento feminista? Provisoriamente, Ballestrin (2017) propõe que a ideia de feminismos subalternos pode agregar diferentes movimentos de mulheres feministas, acadêmicas ou não: feminismo pós-colonial, feminismo terceiro-mundista, feminismo negro, feminismo indígena, feminismo comunitário, feminismo mestiço, feminismo latino-americano, feminismo africano, feminismo islâmico, feminismo do Sul, feminismo decolonial, feminismo fronteiriço, feminismo transcultural etc. Em geral, esse amplo espectro de caracterizações está relacionado com marcações geopolíticas, étnico-raciais e culturais.

Talvez por falta desse entendimento, seja comum ouvir entre pessoas ou nos meios de comunicação brasileiros, que o movimento feminista acabou. Talvez também seja uma afirmação comum em muitos outros países, em especial da América Latina. Mas, o feminismo enquanto movimento social nunca esteve tão vivo, tão mobilizado, tão atuante como nesse inicio de século, de milênio. Talvez tenha mudado de cara, já não "queima sutiã", raramente faz passeata e panfletagem, o que não significa dizer que tenha perdido sua radicalidade, abandonado suas lutas, se acomodado com as conquistas obtidas ou mesmo se institucionalizado. O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também em relação aos anos 1960, 1970, até mesmo 1980 e 1990. Na verdade, como Ballestrin (2010) nos coloca, o feminismo vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. “Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 689-700, nov. 2013

SPIVAK, Gayatri. ***Pode o subalterno falar*** ?Belo Horizonte: Editora, 2010, UFMG

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. **Feminismos Subalternos**. Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, , 25(3): 530, setembro-dezembro/2017

PAIVA, Miriam Santos. **Teoria Feminista: o desafio de tornar-se um paradigma**. In: Revista Enfermagem. Out/dez. N. 4, Brasília, 1997

SAID, Edward. 2007. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras

PINTO, Céli. “Afinal, o que querem as mulheres na política? Candidatas à Câmara Municipal em Porto Alegre”. In BARREIRA, Irlys e PALMEIRA, Moacir. (Orgs.) Candidatos e candidaturas – Enredos de campanha eleitoral no Brasil. São Paulo: Annablume Editora, 1998

MOHANTY, Chandra Talpade. “Bajo los ojos de Ocidente: feminismos académicos y discursos coloniales”. In: NAVAZ, Liliana; CASTILLO, Rosalva (Eds.). *escolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, 2008 (1984). Disponível em: http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf.